

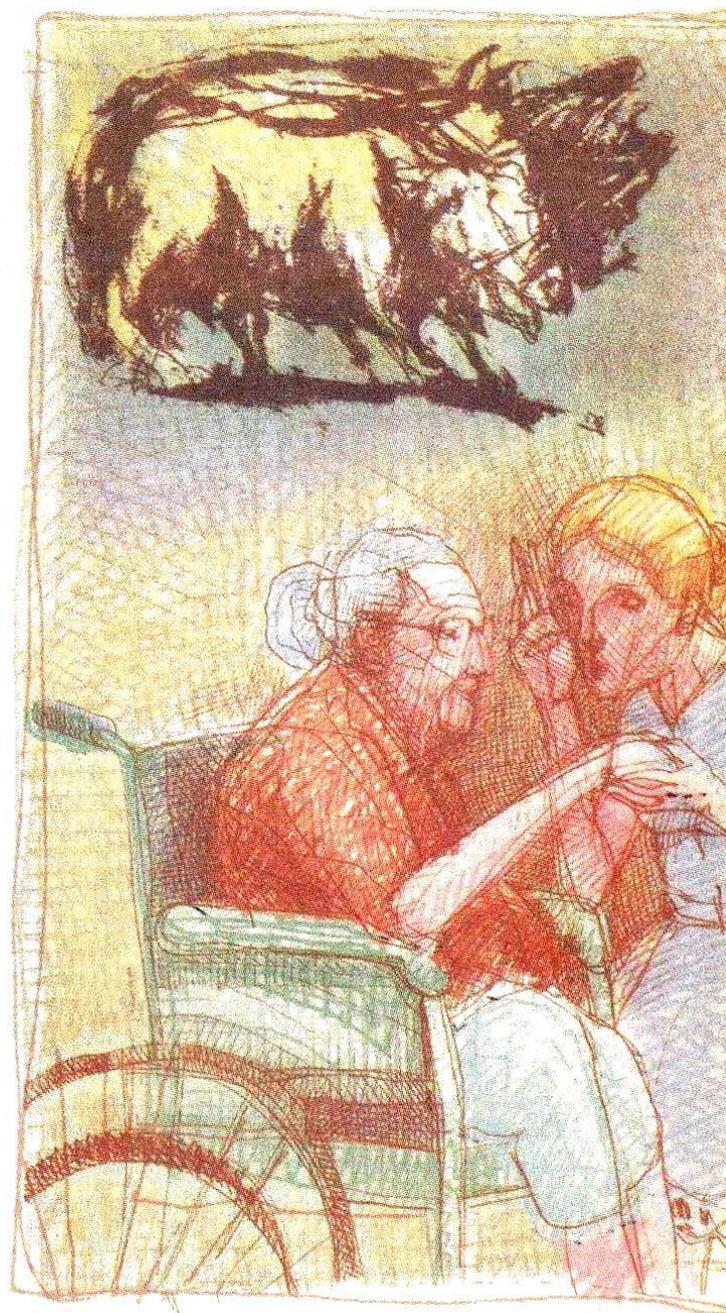
O presente de aniversário

Nada mais interessava à minha avó. Até que me lembrei de um fato da minha infância...

Por HELOISA SEIXAS

MINHA AVÓ fez aniversário outro dia – 97 anos. Está lúcida, ainda, mas um pouco desanimada. Nos últimos tempos, passou a ter um olhar meio perdido, um ar de cansaço. Desde que um acidente a deixou numa cadeira de rodas, tem recebido o cuidado de uma enfermeira, que a leva para tomar sol na pracinha embaixo do prédio onde mora. Às vezes, meu pai a leva para passear na Lagoa, mas ele próprio reconhece que ela não parece se interessar muito pelo mundo à sua volta.

A cada vez que vou visitá-la, tenho a impressão de que está mais



alheia. Sempre sentada em sua cadeira, as mãos repousando sobre o colo, não se fixa em nada. Olha para a televisão sem muito interesse, ouve nossa conversa e dá um sorriso mínimo, como se o fizesse apenas por delicadeza. Tento puxar conversa, mas vovó responde com monossílabos. É frustrante.

NO DIA de seu aniversário, não foi muito diferente. Estava toda arrumada, os cabelos muito alvos e finos presos atrás da cabeça, num coque. Mas seu olhar guardava o mesmo embotamento que já me acostumei a ver; um olhar sem brilho, quase sem vida.

Ao vê-la, pensei instantaneamente na avó de meu tempo de menina, quando era ainda uma senhora corpulenta, os cabelos começando a embranquecer. Naquela época, ela adorava contar histórias – histórias assombradas. As noites no sítio, principalmente as de chuva – e chovia muito à noite, porque era sempre verão na minha infância –, eram passadas assim: nós, as crianças, sentadas em torno dela, no sofá que ficava perto da janela, e ela contando, contando. Tinha um jeito especial para prender nossa atenção.

Era criativa, cheia de imaginação, e parecia também se divertir com as histórias, além de achar muita graça do nosso medo.

E agora, décadas depois, ali estava minha avó, tão quieta, olhando-me com seu quase sorriso. Eu mexia as mãos, na cadeira a seu lado, sorrindo de volta para ela, mas sem saber o que dizer ou fazer. Até que de repente me veio uma idéia.

Decidi repetir o que ela fazia quando eu era criança. Decidi contar-lhe uma história. Talvez assim conseguisse prender sua atenção. E não seria um enredo qualquer. Seria

do tipo de que vovó mais gostava e que é também meu tipo predileto: uma história de assombração.

Comecei. Escolhi justamente um caso que ela adorava me contar quando eu era criança e do qual, com certeza, já não se lembrava. Era uma história que me assustava especialmente, porque minha avó

garantia ter acontecido de verdade. Continuei. Fui contando aos poucos, criando um clima de suspense, dando detalhes, fazendo ruídos. E, de repente, bem diante de meus olhos, a transformação aconteceu. Os olhos – aqueles olhos antes tão turvos – estavam agora muito abertos, brilhantes e atentos, as pequenas íris negras

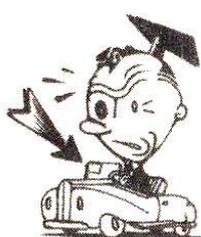
Decidi
contar-lhe
uma história.
Talvez assim
conseguisse
prender sua
atenção.

fazendo movimentos quase imperceptíveis, como se acompanhassem a trajetória das palavras no ar. A boca, antes entreaberta no sorriso vazio, estava agora crispada, em atenção. Ela não perdia nada do que eu dizia. Pela primeira vez, em muitos anos, seu rosto, ainda que descarnado,

reassumia a expressão que eu conhecera tão bem, em outros tempos.

Eu conseguira. Quarenta anos depois, dera-lhe de volta toda a emoção com que ela permeava as noites de chuva da minha infância. Esse era – para nós duas – o melhor presente de aniversário.

HISTÓRIAS DE PROFESSORES



Um policial parou-me perto da escola onde leciono. Enquanto pedia minha carteira de motorista e os documentos do carro, meus alunos começaram a passar por mim em seus carros. Alguns buzonavam, outros vaiavam e ainda outros paravam para me chamar a atenção por dirigir rápido demais.

Finalmente, o policial me perguntou se eu era professor da escola e eu respondi que sim.

– Acho que você já pagou sua dívida com a sociedade – concluiu ele com um sorriso, antes de me dispensar. –MARK JORDAN, *EUA*

Eu estava dando aula e um aluno não parava de fungar. Tentei ignorá-lo, mas por fim minha paciência acabou.

– Pelo amor de Deus! Você não tem um lenço? – perguntei.

– Tenho, sim – respondeu ele. – Mas não posso emprestar.

–FRANCIS GOTTESMAN, *Grã-Bretanha*

Sou professora e estava atrasada para uma conferência sobre crianças com dificuldades de concentração. Ao entrar apressada no edifício, perguntei a uma recepcionista onde era a reunião.

– Já repeti mais de mil vezes: é por ali – ela disse.

Sua atitude me irritou e tive vontade de explicar-lhe meu atraso, mas preferi correr para a sala e me sentar. Só quando me passaram os folhetos do encontro foi que caí em mim. O título da palestra era “Já repeti mais de mil vezes”.

–JEAN ANN KUJAWSKI, *EUA*

Nem minha amiga nem seus colegas de turma conseguiram ler o que o professor havia rabiscado em sua prova, então ela foi perguntar do que se tratava. Depois de analisar a frase durante alguns instantes, o professor admitiu que dizia: “Por favor, escreva com mais clareza.”

–LUCY PEDEN, *Grã-Bretanha*